

# A “ÁFRICA DA CABEÇA AOS PÉS” – A RESISTÊNCIA DA MULHER MOÇAMBICANA NA OBRA DE NOÉMIA DE SOUSA.

Sales Gama da Silva<sup>1</sup>

Prof. Dr. Alexandre António Timbane<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho busca analisar os poemas da obra *Sangue Negro* (2016), da escritora moçambicana Carolina Noémia Abranches de Sousa (Noémia de Sousa -1926-2002). O que se propõe nessa pesquisa é que se faça reflexões sobre a resistência da mulher moçambicana na obra de Noémia de Sousa, considerando a importância de seus escritos como uma forma de identificar o olhar feminino diante da realidade colonial. Pode-se perceber a importância de se pesquisar sobre a resistência da mulher moçambicana na obra de Noémia de Sousa, uma vez que sua poesia traz esse olhar feminino e espírito combatente, servindo de inspirações para muitos escritores. O objetivo central é entender os elementos de uma escrita nacionalista e de libertação, identificando traços da resistência da mulher moçambicana, assim como também tecer considerações sobre o contexto histórico da época. Entender o forte sentimento de nacionalidade de seus escritos, nos faz perceber um olhar diferenciado (olhar feminino) diante da realidade opressora tão presente no período de colonização em Moçambique. A pesquisa refere-se a um estudo teórico e de revisão bibliográfica da obra *Sangue Negro* (2016), de Noémia de Sousa. Noémia de Sousa, nesse sentido, sendo “África de cabeça aos pés”, nos faz perceber o quanto seus escritos nos proporcionam um grande sentimento de nacionalidade e importante referência sobre a força da mulher moçambicana.

**Palavras-chave:** Combatente. Moçambique. Nacionalidade. Noémia de Sousa. Resistência.

**Abstract:** This paper seeks to analyze the poems of *Sangue Negro* (2016), by Mozambican writer Carolina Noémia Abranches de Sousa (Noémia de Sousa -1926-2002). What is proposed in this research is to reflect on the resistance of Mozambican women in the work of Noémia de Sousa, considering the importance of her writings as a way to identify the female gaze in the face of colonial reality. One can see the importance of researching the resistance of Mozambican women in the work of Noémia de Sousa, since her poetry brings this feminine gaze and fighting spirit, serving as inspiration for many writers. The main objective is to understand the elements of a nationalist/liberation writing, identifying the resistance traits of the Mozambican woman, as well as making considerations about the historical context of the time. Understanding the strong feeling of nationality in her writings makes us perceive a different look (female look) in the face of the oppressive reality so present in the colonization period in Mozambique. The research refers to a theoretical study and literature review of the work *Sangue Negro* (2016), by Noémia de Sousa. Noémia de Sousa, in this sense, being “Africa from head to toe”, makes us realize how much her writings provide us with a great feeling of nationality and an important reference on the strength of the Mozambican woman.

**Keywords:** Combatant. Mozambique. Nationality. Noémia de Sousa. Resistance.

---

<sup>1</sup> Pós-Graduando em Especialização em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Universidade Aberta do Brasil.

<sup>2</sup> Pós-Doutor em Estudos Ortográficos, Pós-Doutor em Linguística Forense, Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

## Introdução

A mulher na sociedade moderna tem procurado buscar a sua afirmação, o seu espaço que foi sempre destinado ao homem, porque se vive uma desigualdade escancarada em todos os setores da vida em sociedade. Esse levante de voz por parte da mulher, essa procura de afirmação própria tem trazido resultados benéficos rumo a uma sociedade que seja justa e igualitária. Para ilustrar, “os textos literários de escritoras negras baianas que contribuíram com o estudo, colocam-se também na contramão daquelas desfigurações físicas, psicossociais e morais de imagens negras femininas.” (SANTIAGO, 2012, p.129). Isso significa que a mulher deixa de ser atriz coadjuvante para principal, contribuindo até na luta de libertação de um país como veremos no decorrer do trabalho.

Moçambique é um país africano, localizado na África Austral, que sofreu a colonização portuguesa, tal como o Brasil, Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Para a luta pela independência, o país enveredou armas tradicionais e de fogo para além das armas literárias. É na senda literária que nos anos 60 surge a luta literária. Segundo Eagleton (2003, p.2), a literatura “transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana.” Significa que o discurso literário tem poder, é sedutor, desperta sensações e ideias que nos levam a vivenciar experiências de maneira mais íntima, mais intensa. É nesse momento que causa efeito, tal como se pode observar na poesia nacional de Noémia de Sousa que contribui para o despertar da consciência da luta pela libertação de Moçambique.

O presente trabalho propõe destacar a literatura feminina, enfatizando a importância da resistência da mulher moçambicana na obra *Sangue Negro* (2016) de Carolina Noémia Abranches de Sousa (Noémia de Sousa), assim como também sobre o sentimento de nacionalidade presente em sua poesia. Desse modo, ao compreender o forte sentimentalismo de seus escritos, percebe-se, portanto, um olhar singular sobre a cruel realidade opressora que se fazia presente no período de colonização portuguesa em Moçambique.

Noémia de Sousa apresenta um olhar feminino de uma mulher combatente que serviu de inspiração para muitos escritores que a sucederam, uma vez que sofreu na pele as mazelas da colonização, como se percebe no seguinte verso: “corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis/pelos duros chicotes da escravatura...” (SOUSA, 2016, p. 40). O colonialismo reprimia verbal e fisicamente violando assim a Declaração dos Direitos humanos (1948), proibia o uso das línguas autóctones, vendia seres humanos para além de exportá-los para outros

continentes como escravizados. Essas atitudes fomentaram a revolta e a necessidade de luta pela independência do povo de Moçambique.

Percebe-se, ainda, a relevância de um estudo nessa área como uma forma de valorização da força de libertação da mulher africana/moçambicana, em particular na literatura de Noémia de Sousa. Busca-se também entender a sociedade moçambicana do período colonial, considerando-a como um fator importante para formação da consciência política da escritora. Além disso, a poetisa é, então, uma expressão da voz feminina que denunciou a prática cruel dos algozes e exaltou seu sentimento de pertencimento cultural em África, e que ainda hoje é ouvida além do continente africano.

Desse modo, pode-se refletir: por que um estudo sobre a resistência da mulher moçambicana na obra de Noémia de Sousa é importante, uma vez que há, em sua poesia, a presença de força nacional, além do olhar feminino e espírito combatente, servindo de inspirações para muitos escritores? Faz-se necessário, porquanto, estudar a resistência da mulher moçambicana na coletânea de Noémia de Sousa, uma vez que suas poesias nos proporcionam fontes valiosas para que se entenda o que os moçambicanos passaram no processo de colonização. Dessa maneira, pode-se perceber a força nacional de seus escritos, que, ainda hoje, são vistos como um “grito” contra a opressão colonial e a eliminação dos direitos fundamentais do homem.

O objetivo central da pesquisa, é entender os elementos de uma escrita nacionalista e de libertação, explicitando os traços da resistência de combate da mulher moçambicana, assim como também trazer considerações sobre o contexto histórico da época. Além disso, busca-se também entender o forte sentimento de nacionalidade de sua poesia e o olhar feminino que a escritora moçambicana apresenta em sua obra.

Discutir sobre esses temas presentes na obra de Noémia de Sousa é muito importante para quem sente o desejo de estudar as literaturas africanas de língua portuguesa, especificamente Moçambique e faz parte dos preceitos da Lei nº 10.639/2002 que incentiva o ensino da História e das culturas africanas e afro-brasileiras. Encontra-se, na autora supracitada, elementos valiosos que nos fazem perceber a cultura africana, principalmente quando se refere ao espírito de combate contra os algozes colonizadores. Noémia de Sousa, assim como muitos outros escritores nacionalistas em África, nos proporcionam valiosos textos que nos ajudam a compreender a história da forte luta de libertação de seu povo. Esses materiais são fundamentais para execução prática da Lei nº 10.639/2002.

Carolina Noémia Abranches de Sousa, escritora nacionalista, nasceu em Catembe, numa vila situada ao sul de Moçambique, no ano de 1926. Ela ficou conhecida como a “mãe

dos poetas moçambicanos” por causa da sua grande influência na poesia nacionalista. Sua obra representou grande inspiração para o movimento de negritude, visto que oferece forte sentimento de nacionalidade, sendo uma mulher que se opôs ao colonialismo, ressaltando um “grito de liberdade” de um povo africano. Com uma escrita bem singular, aborda temas da escravidão, da tortura vivida pelo seu povo, denunciando também a superioridade dos brancos. A presente pesquisa é bibliográfica e pauta-se no seguinte arcabouço teórico: Sousa (2016), Fonseca e Moreira (2017) Borba e Lisboa (2020), Noa (2008) Leite (1998), Freitas (2010), Ferreira (1980), Eagleton (2003) entre outros.

Na primeira seção do artigo discute-se um breve contexto histórico de Moçambique, tomando como referência a colonização de suas terras e, principalmente, o que seria esse fenômeno tão complexo. Todavia, o foco desse contexto é a partir da década 1960, momento em que as novas formas de colonialismo português passaram a impedir o desenvolvimento da população negra. Nesse momento, houve, no país, diversas manifestações contra a soberania colonial. Essas manifestações foram feitas também por meio da literatura e das artes, a exemplo de Malangatana Valente Ngwenya. Além do mais, analisa-se o contexto histórico da poetisa Noémia de Sousa, que teve sua poesia de voz negra/feminina escrita entre os anos de 1948 e 1951. Vale ressaltar, que há necessidade também de se discutir sobre a periodização da literatura moçambicana, como uma forma de entender alguns fatores importantíssimos sobre a poesia autenticamente negra.

Na segunda seção, “Metodologia e Análises”, debate sobre a poesia de Noémia de Sousa, tomando como referência dois poemas de sua obra *Sangue Negro* (2016). Nessa parte específica, a temática baseia-se sobre a força de libertação nacional de seus escritos, do olhar feminino e espírito combatente de alguém que se denominou inteiramente África: “África da cabeça aos pés, /– Ah, essa sou eu!” (SOUSA, 2016, p. 40). Aqui, discutem-se clamores que são ecoados até hoje em sua poesia. Segundo Gomes (2009), toda a produção de Noémia de Sousa tem como principal alimento as raízes africanas.

Na terceira seção, discute-se sobre a influência de seus escritos até e após a independência de Moçambique (1975), uma vez que sua poesia negra e feminina é, ainda hoje, grande expressão de nacionalidade que atravessa o continente africano. Noémia de Sousa é, portanto, uma expressão da voz feminina moçambicana que ainda hoje é ouvida além dos mares da África.

## **1 Breve contexto histórico do colonialismo em Moçambique.**

Moçambique é um país do continente africano, situado na costa oriental da África Austral. Em sua bandeira (BANDEIRA DE MOÇAMBIQUE, 2021), adotada no ano de 1983, pode-se perceber referência ao período de luta contra o colonialismo. Na cor vermelha da bandeira, por exemplo, tem-se a expressão da resistência, da luta armada de libertação nacional e, sobretudo, defesa da soberania. O vermelho é o sangue de quem lutou, de quem sofreu. No verde, tem-se os simbolismos das riquezas de seu solo, motivo de atração dos algozes. A cor preta, traz a representação do continente africano. A amarela, por sua vez, as riquezas do subsolo. A cor branca, simboliza a luta justa do povo moçambicano em busca de paz.

Além do mais, percebe-se ainda, na bandeira de Moçambique, um livro que simboliza o estudo, a enxada que representa produção e a arma simbolizando a defesa da pátria. Vale refletir também, que todas essas formas de expressão surgiram em consequência da dura realidade vivida na luta de libertação nacional. Nessa mesma perspectiva, sobre o colonialismo, Ferreira (1980) nos diz que:

O colonialismo, de caso pensado e por força do seu sistema interno, despersonaliza o colonizado, deprime-o, destrói-lhe a imagem que ele forma do seu universo singular, coisifica-o e não lhe permite que ele se torne sujeito de história. Cria-lhe o complexo de inferioridade em relação à sua cultura, deforma-o, aniquila-o como cidadão africano (FERREIRA, 1980, p. 40).

Entretanto, essa redução da pessoa humana, pessoa negra, foi expressada em força de libertação em muitos escritores africanos, entre eles, a moçambicana Noémia de Sousa. A princípio, a colonização em Moçambique data do ano de 1498, com a chegada de Vasco da Gama, que, inclusive, foi acolhido pelos moçambicanos. Todavia, a colonização efetiva aconteceu, de fato, em 1884/5, com a Conferência de Berlim, momento em que Portugal se sentiu obrigado a ter estabilidade na terra de Moçambique, com o objetivo de não perder aquilo que havia, de certo modo, conquistado. Vale ressaltar ainda, que essa conferência tinha o objetivo de dividir e colonizar a África.

Sabe-se que a independência de Moçambique é datada no século XX, ano de 1975, entretanto, antes o país vivera sob os domínios dos portugueses. É justamente nesse período colonial que nasce a chamada “literatura colonial”, momento em que se propagava uma “falsa” cultura em África, por isso tem-se a necessidade de algo mais autêntico, nacional. No ano de 1960 (DANTAS, 2021), houveram novas formas de colonialismo português que impediam, principalmente, o desenvolvimento dos negros, de sua população, tanto na agricultura como no comércio. Nesse período, as artes, como, por exemplo, a literatura, foram instrumentos de manifestações utilizados contra o domínio do colonialismo. Nessa mesma perspectiva, Fonseca

e Moreira (2017), em “*Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*”, nos fala sobre o processo de formação da literatura em Moçambique:

O processo de formação da literatura de Moçambique não difere muito do dos demais países africanos de língua portuguesa, tendo assistido à construção, nas zonas urbanas da Beira e Lourenço Marques (agora, Maputo), de uma elite de alguns negros, mestiços e brancos que se apoderou, aos poucos, dos canais e centros de administração e poder (FONSECA; MOREIRA, 2017, p. 27).

Com o passar do tempo, essas formas de reivindicações foram “criando corpo”, tornando-se, em certo sentido, mais radicais, como, por exemplo, a criação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), no ano de 1962. Esse movimento foi de suma importância para a construção nacionalista do país. A FRELIMO iniciou a luta de libertação Nacional em 1964, dirigida pelo Doutor Eduardo Chivambo Mondlane, revolucionário pan-africanista que lutou por um país livre, independente e unido. Sua morte data de 3 de fevereiro de 1969 e seu legado permanece até hoje.

Ainda sobre o contexto de colonização em Moçambique, é necessário tecer considerações sobre a escritora moçambicana Noémia de Sousa (1926-2002), poetisa consagrada, que foi jornalista e militante na luta de libertação nacional. Órfã de pai na infância, enfrentou o preconceito racial. Desde infância, Noémia de Sousa demonstrava desenvoltura literária, com grande apreço pelas literaturas.

Fonseca e Moreira (2017) nos diz que entre os principais escritores moçambicanos, encontra-se Noémia de Sousa, que teve forte ligação com os movimentos que traçaram o conhecido panorama literário de Moçambique dos anos 40 e 50. Por isso que, ainda segundo Fonseca e Moreira (2017), o eco de sua voz pode ser percebido na poesia de pós-independência.

É importante ressaltar que no ano de 1940, a poetisa passou a frequentar a “Associação Africana”, trabalhando para o jornal da própria associação intitulado “O Brado Africano”. Onze anos depois, Noémia de Sousa, como alguém sensível e observadora da realidade colonial em Moçambique, publica o livro *Sangue Negro*, (obra que foi publicada depois pela Associação dos Escritores Moçambicanos, no ano de 2001). Quando o livro foi publicado em 1951 (por conta e financiamento próprio), circulava de forma ilegal. Ainda, no mesmo ano, deixou sua terra para exilar-se em Lisboa. Nessa ocasião, mudou-se fugindo da polícia política portuguesa, segundo o site de biografia de mulheres africanas (NOÉMIA DE SOUSA, 2021).

Entende-se, pois, que todas essas circunstâncias vividas, contribuíram para a formação da consciência da poetisa combatente. Desse modo, no que se refere à poesia de Noémia de Sousa, a próxima seção, que se segue depois da “Periodização da Literatura moçambicana”,

destina-se às reflexões sobre a força de libertação nacional de seus escritos, espírito combatente e olhar feminino de sua literatura.

## **2 Periodização da literatura moçambicana.**

Segundo Miambo (2012), o conhecimento acerca da periodização da literatura moçambicana tem sido uma espécie de “Calcanhar de Aquiles” em muitos debates. Além do mais, o autor citado acima ainda afirma que, falar sobre essa temática, é, sobretudo, debruçar-se sobre as “balizas cronológicas”. Nesse mesmo sentido, Noa (2008), em *“Literatura Moçambicana: os trilhos e as margens”*, nos mostra que a literatura de Moçambique, enquanto fenômeno de escrita, apresenta algumas características dominantes, entre elas:

emerge durante o período da vigência do sistema colonial; é uma literatura relativamente recente: cerca de 100 anos de existência; traduz os paradoxos e complexidades geradas pela colonização, como sejam, literatura escrita e difundida na língua do colonizador, dualismo cultural ou identidade problemática dos autores, oscilação entre a absorção e negação dos valores e códigos da estética ocidental, etc.; em praticamente todo o percurso desta literatura, a maior parte dos textos é difundida sobretudo na imprensa, facto que irá prevalecer sensivelmente até meados da década de 80; é um fenómeno essencialmente urbano. (NOA, 2008, p. 35).

Sabe-se, então, sobre a importância do surgimento da imprensa em Moçambique como uma maneira de propagação da literatura nacional, um exemplo disso é o jornal *“O Brado Africano”*, onde Noémia de Sousa trabalhou na década de 40. Vale ressaltar ainda que a divulgação dessa literatura se deu em zonas urbanas. É necessário refletir também que antes do século XX, em Moçambique, “circulavam” muitos textos aculturados, presos aos padrões europeus. Havia, então, a conhecida literatura colonial que distorcia os princípios culturais africanos. Desse modo, tinha-se a necessidade, portanto, de uma escrita mais nacionalista.

Ainda sobre a produção literária moçambicana, alguns estudiosos da literatura de Moçambique dividem a periodização em quatro momentos, o primeiro período datado de 1925-1963, conhecido como uma literatura do protesto; o segundo período (1964-1975), sendo uma literatura de Luta de libertação nacional; o terceiro período (1975-1992), em que há a literatura de consolidação e, por fim, o quarto período que se inicia no ano 1993 e vai até os dias atuais. Além do mais, Segundo Ferreira (2004 apud MIAMBO, 2012), por vezes, a periodização é feita por séculos, classificando-se em períodos.

Percebe-se que é no século XX que há os primeiros indícios de uma literatura em Moçambique. Muitos escritores combatentes, protestavam contra as opressões causadas pelos

colonizadores portugueses. Entre eles, pode-se citar a poetisa Noémia de Sousa (foco da pesquisa), como uma expressão da literatura feminina de combate, assim como também José Craveirinha. Por outro lado, havia outros escritores desse período que traziam, em seus escritos, formas de aculturação.

Ainda na perspectiva de Francisco Noa (2008), é no início do século XX que começam a surgir as primeiras elites letradas de origem africana, tornando-se, por meio de seus textos, verdadeiros precursores da literatura moçambicana. A expressão “*pêndulo assimilado*”, por exemplo, era relacionada a negros e mestiços, em que a cidadania era, sobretudo, condicionada por mecanismos de aculturação. Vale refletir que o “Pêndulo” nos remete ao pensamento de ser aquilo que oscila, sendo, o assimilado, o oscilar entre as culturas. Esse grupo de aculturados defendia, principalmente, o nativismo “meio que militante”, explicitado, constantemente, em seus escritos.

Nessa mesma perspectiva, evidencia-se o escritor João Albasini, sendo autor da primeira obra de ficção “*O livro da Dor*”. Essa concepção de pensamento surge também em Rui Noronha, sendo inspirado pela poesia portuguesa do século XIX, publica uma obra intitulada “*Sonetos*” (1946). É importante ressaltar que em seus escritos há fortes fatores da cultura eurocêntrica. Todavia, em oposição, nos escritos de Noémia de Sousa e José Craveirinha, por exemplo, há uma presença totalmente nativa da cultura em África, moçambicana.

Ao contrário dos autores considerados aculturados, faziam a exaltação dos valores éticos locais. A geração desses autores resistentes citados acima, é responsável pela construção da imagem de Moçambique, evidenciando, dessa forma, uma autenticidade nativa de suas expressões. Nessa perspectiva “Noémia de Sousa é uma expressão particularmente emblemática desta geração” (NOA, 2008, p. 39). Em suma, Noémia de Sousa e José Craveirinha apresentavam uma literatura totalmente nacionalista.

### **3 A mulher na literatura moçambicana: reflexões acerca da poesia de Noémia de Sousa.**

O artigo é um estudo teórico e de revisão bibliográfica sobre a poesia de combate da escritora Moçambicana Noémia de Sousa. Nesta seção, a análise dar-se-á por meio de poemas presentes em sua obra *Sangue Negro* (2016). A pesquisa, nesse sentido, é de base qualitativa. Nessa etapa do trabalho, far-se-á um apanhado de dois poemas de Noémia de Sousa, presentes em sua obra *Sangue Negro* (2016), são eles: “Nossa voz” e “Se me quiseres conhecer”,

respectivamente, onde vão ser apresentadas considerações sobre a poesia nacionalista, de combate, assim como o olhar feminino diferenciado e presente em seus versos, com o objetivo de entender a resistência da mulher moçambicana. A poesia traz a representação de resistência da mulher africana e luta do povo de Moçambique pela liberdade. Noémia de Sousa representa, dessa forma, um “grito de liberdade” por meio da poesia, evidenciando uma voz que lutou pela liberdade.

Na referida obra, identificam-se marcas da intenção e traços de luta feminina, sendo, seus escritos, instrumentos de luta de libertação nacional que enfatiza a resistência da mulher moçambicana, uma verdadeira poesia de combate. Nesse mesmo sentido, Paz (2012) debate uma interessante e importante reflexão: “o poema deve provocar o leitor: obrigá-lo a ouvir – a ouvir-se” (PAZ, 2012, p. 314). Temos, portanto, em Noémia de Sousa, essa provocação subjetiva presente em sua poesia que foge dos modelos de aculturação.

No livro *Sangue Negro* (2016), Nelson Saúte<sup>3</sup>, em um capítulo intitulado “A Mãe dos Poetas Moçambicanos<sup>4</sup>”, assim escreve, sobre a poetisa moçambicana: “Quem era Noémia de Sousa, autora daqueles versos frenéticos, daqueles versos longos e belos, que falava de moças fugitivas dos bairros onde estavam acantonadas na mais vil miséria...” (SAÚTE, 2016, p. 175). Carolina Noémia Abranches de Sousa, nascera no ano de 1926, em Catembe, no Sul de Moçambique.

Ainda Segundo Saúte (2016), a poetisa vivera numa casa na beirinha do Índico, albergue que seria celebrado, depois, um dos seus textos mais emblemáticos. Seus escritos são referentes ao período de 1948 e 1951, momento este em que esteve exilada. Sobre isso, o moçambicano, diz: “Não tardou a descobrir que essa mulher escrevera apenas durante três anos, o bastante para incendiar o rastilho da poesia que reivindicava a personalidade dos oprimidos, que fundava a literatura dos marginalizados” (SAÚTE, 2016, p. 176).

Sobre isso, pode-se inferir que por trás de uma voz, existe, de fato, uma história a ser contada. Na voz de Noémia de Sousa, personificada em seus versos, percebe-se a história de alguém que lutou por aquilo que acreditava ser o certo, de alguém consciente da realidade. Sua voz é um “mar” de possibilidades para quem a “escuta”. Sobre essa conscientização, presente na poetisa moçambicana, entendemo-la como, na perspectiva de Freire (1979), algo processual, que não está pronto, que existe, de fato, na ação reflexiva junto a realidade de vida:

---

<sup>3</sup> Jornalista, escritor e professor de Ciências da Comunicação em Maputo, Moçambique. Autor, editor e organizador de obras de literatura moçambicana.

Notas retiradas do livro “Sangue Negro” (2016), Editora Vozes da África.

<sup>4</sup> Introdução da 1a. edição moçambicana de “Sangue negro”, de Noémia de Sousa: 2011 (Ed. Marimbique), revista pelo autor Nelson Saúte, em junho de 2016, para a Editora Kapulana.

A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “des-vela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar à frente a realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação-reflexiva. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. (FREIRE, 1979, p. 26, grifo do autor).

Isso nos faz perceber, portanto, que a poesia de Noémia de Sousa trouxe algo diferente, capaz de transformar a realidade de sua época. Seus versos são, desse modo, expressão de uma autêntica nacionalidade, como é possível perceber no poema “Nossa voz” (2016), em que apresentaremos apenas alguns versos que servirão de base para nossa discussão.

*Nossa voz*

Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara  
sobre o branco egoísmo dos homens  
sobre a indiferença assassina de todos.  
Nossa voz molhada das cacimbadas do sertão  
nossa voz ardente como o sol das malangas  
nossa voz atabaque chamando  
nossa voz lança de Maguiguana  
nossa voz, irmão,  
“nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade  
e revolucionou-a  
arrastou-a como um ciclone de conhecimento  
E acordou remorsos de olhos amarelos de hiena  
e fez escorrer suores frios de condenados  
e acendeu luzes de esperança em almas sombrias de desesperados...  
[...]  
Nossa voz gemendo, sacudindo sacas imundas,  
nossa voz gorda de miséria,  
nossa voz arrastando grilhetas  
nossa voz nostálgica de impis  
nossa voz África  
[...]  
Nossa voz gritando sem cessar,  
nossa voz apontando caminhos  
nossa voz xipalapala  
nossa voz atabaque chamando  
nossa voz, irmão!  
nossa voz milhões de vozes clamando, clamando, clamando!  
(SOUSA, 2016, p. 26)

É possível observar que nos primeiros versos, tem-se um exemplo do compromisso consciente, histórico assumido pela poetisa: “Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara/sobre o branco egoísmo dos homens”. Sobre isso, Freitas (2010) aponta: “Vários verbos deste fragmento nos remetem à idéia de militância, de conscientização de valores em relação à condição do negro frente ao seu estado de escravidão” (FREITAS. 2010, p. 3). Em: “sobre a

indiferença assassina de todos”, a poetisa denuncia a triste realidade colonial de forma autêntica e nacionalista, diferente, pois, de alguns escritores contemporâneos seus.

Segundo Borba e Lisboa (2020), Noémia de Sousa é vista como um canal das vozes das mulheres negras, como um meio que restitui as humanidades negadas. Freitas (2010), nos fala que em “Nossa Voz”, há também um discurso construído sobre as bases da tradição oral, sendo uma escrita direcionada ao leitor que tem uma sensibilidade em ouvir os ecos de um EU-poético semelhante aos contadores de história. O autor citado acima enfatiza que o título “Nossa voz”, por exemplo, traz uma dimensão de oralidade.

Nos versos seguintes do poema, percebe-se novamente a força nacionalista de uma poesia de libertação, sendo capaz de trazer um caráter revolucionário. Essa metáfora “arrastou-a como um ciclone de conhecimento”, nos faz perceber o quanto a voz africana, moçambicana é medonha, forte, devastadora. Temos, portanto, uma voz firme, que conhece a realidade que vivera. A voz que foi bradada pela cidade, “acendeu luzes de esperança em almas sombrias de desesperados...”, é a voz que ainda hoje ecoa além do continente africano.

Percebe-se também que o EU-poético é conhecedor de sua própria voz que, apesar das imensas dificuldades impostas pelos colonizadores, personifica-se em força, “Nossa voz gemendo, sacudindo sacas imundas/ nossa voz gorda de miséria/ nossa voz arrastando grilhetas/ nossa voz nostálgica de impis/ nossa voz de África”. Aqui, é possível identificar que Noémia de Sousa assume-se como uma coletividade, sendo uma expressão de um grito de todo povo africano. A poetisa conhece, de fato, a importância de sua ação que busca, a todos instante, a libertação.

No mesmo poema, é possível identificar que o Eu-lírico preocupa-se também em expressar sua voz de forma constante “Nossa voz gritando sem cessar”, enfatizando que seu povo africano, moçambicano, necessita desse clamor diante da realidade. A voz poética de Noémia de Sousa é, sobretudo, uma voz que direciona o povo (quem a escuta) em busca da libertação “nossa voz apontando caminhos”.

Em “nossa voz xipalapala”, tem-se a expressão de um chifre, que também servia para tocar músicas. No verso, esse termo aparece como uma imagem figurativa, uma vez que é explicitado como um objeto que produz grande som que se pode ouvir ao longe. Esse é, portanto, o sentido, isto é, fazer com que sua voz negra moçambicana possa ser ouvida ao longe. O xipalapala sendo chifre do animal selvagem impala, é utilizado nas tradições bantu como instrumento de convite, para convidar e se fazer ouvir à distância. Esse chifre é usado tradicionalmente para enviar mensagens para comunidades mais distantes. No verso seguinte, tem-se também uma voz estrondosa como um tambor “nossa voz atabaque chamando”, uma

voz personificada, representação de todo povo que busca a libertação “nossa voz milhões de vozes clamando, clamando, clamando!”.

Nessa mesma perspectiva, temos, por exemplo, o poema emblemático: “Se me quiser conhecer” (2016), escrito no dia 25 de dezembro de 1949, apresentado, segundo Noa (2008), como uma mistura de revolta, autor-afirmação e esperança. Além do mais, é possível perceber aspectos de uma mulher militante, defensora de seus princípios em África:

Se me quiseres conhecer,  
 estuda com olhos de bem ver  
 esse pedaço de pau preto  
 que um desconhecido irmão maconde  
 de mãos inspiradas  
 talhou e trabalhou em terras distantes lá do norte.  
 Ah! Essa sou eu:  
 órbitas vazias no desespero de possuir a vida  
 boca rasgada em ferida de angústia,  
 mãos enorme, espalmadas,  
 erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,  
 corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis  
 pelos duros chicotes da escravatura...  
 torturada e magnífica  
 altiva e mística,  
 África da cabeça aos pés,  
 – ah, essa sou eu:  
 Se quiseres compreender-me  
 vem debruçar-te sobre a minha alma de África,  
 nos gemidos dos negros no cais  
 nos batuques frenéticos do muchopes  
 na rebeldia dos machanganas  
 na estranha melodia se evolvendo  
 numa canção nativa noite dentro  
 E nada mais me perguntes,  
 se é que me queres conhecer...  
 Que não sou mais que um búzio de carne  
 onde a revolta de África congelou  
 seu grito inchado de esperança (SOUSA, 2016, p. 40).

No poema “Se me quiseres conhecer”, a poetisa apresenta-se como um símbolo da resistência da mulher moçambicana (africana). Seus versos expressam um olhar feminino sobre a dura realidade, consagrando-se como totalmente África em essência. Percebe-se ainda a força nacional de quem sofreu na pele as duras marcas da escravidão. As feridas exteriores apresentadas pela escritora, que são enfatizadas em seus versos, são também, nesse sentido, uma extensão daquilo que sofrera em seu interior, isto é, o desrespeito, a desmoralização, a pressão psicológica em consequência da imposição cultural dos colonizadores. Compreende-se ainda que na escritora moçambicana há uma espécie de “poética da voz”, que, na perspectiva de Leite (1998), sua poesia é uma expressão de voz que se sobressai a própria escrita:

Formalmente, a poética de Noémia de Sousa poderia ser considerada uma "poética da voz": "Que eu não sou mais que um búzio de carne/ onde a revolta de África congelou/ seu grito inchado de esperança" ("Se me quiseres conhecer") De facto, toda a poesia da autora aspira a ser vocal, escapando assim ao exílio silencioso da escrita. Parece haver uma preocupação em retomar a origem tradicional dos poemas cantados ao som da voz e da música, com a participação ritualizante e rítmica do corpo nos seus gestos e movimentos. (LEITE, 1998, p. 107, aspas do autor).

Na primeira parte do poema, o EU-poético, em: “esse pedaço de pau preto”, tomando como referência Freitas (2010), é compreendido como uma metáfora, sendo, dessa forma, uma referência ao “ébano”, ou seja, espécie de madeira africana, “para subjetivar a idéia da criação de um povo” (FREITAS, 2010, p. 10). Através disso, compreende-se que Noémia de Sousa apresenta, sobretudo, uma voz criadora.

A poetisa, em seguida, faz uma importante referência ao citar o “irmão maconde”, uma vez que, segundo o autor supracitado, é um artesão de renome, com reconhecimento internacional. Nessa estrofe do poema, é perceptível o uso dessa metáfora que simboliza a sua consciência, que foi cortada, formada no período de escravização.

Na segunda estrofe, é possível identificar a construção de uma voz poética feminina, expressando-se como alguém que foi lapidada, construída entre as injustiças e violências raciais, culturais e de gênero, pois, apesar das sequelas da escravatura, “o que comprova que o eu-poético se dirige aos colonizadores” (FREITAS, 2010, p. 10), “corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis/pelos chicotes da escravatura/Torturada e magnífica”, construiu-se uma personalidade única de identidade nacional, feminina moçambicana. Construiu-se, por excelência, uma figura resistente.

Além do mais, em: “órbitas vazias no desespero de possuir vida/boca rasgada em feridas de angústias/ mãos enormes, espalmada/erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça”, tem-se uma expressão da condição de vida angustiante, desesperadora que o povo africano foi submetido. Ainda nessa estrofe, o EU-poético, apresenta-se como uma personificação de seu corpo feminino (corpo este que sofreu graves sequelas no processo de colonização) tornando-se, desse modo, a própria África “África da cabeça aos pés, /– ah, essa sou eu”.

Por fim, na quarta estrofe, é possível identificar um grito de desabafo e insatisfação; sobre isso, Freitas (2010) nos diz que: “A quarta estrofe tem uma implicatura de desabafo, de insatisfação (“E nada mais me perguntes, /se é que queres me conhecer...”) em relação ao descaso dos invasores e destruidores de almas, sonhos, objetivos e realizações do povo moçambicano” (FREITAS, 2010, p. 10). Vale ressaltar que o EU-poético assume-se mais uma vez pertencente à África “vem debruçar-te sobre a minha alma de África”. É nítido, nos versos

de Noémia de Sousa, uma apresentação da poesia de combate, visto que seu olhar singular sobre a realidade traz, em essência, elementos que comprovam que o povo africano é um povo de força.

Desse modo, entende-se que Noémia de Sousa é uma composição que foi “forjada” no colonialismo em Moçambique. Sua poesia expressa, então, um olhar feminino, diferenciado sobre sua terra, sobre as relações vividas, consagrando-se inteiramente África. Conhecer a moçambicana Noémia de Sousa é reconhecer que a vida, por ser difícil em ser vivida, exige força e coragem, pois é isso que sua poesia expressa, ou seja, uma força incansável de quem aprendeu, desde cedo, a lutar por uma sociedade melhor.

#### **4 Influência de seus escritos até e após a independência de Moçambique (1975).**

Carolina Noémia Abranches de Sousa, (querida mãe dos poetas moçambicanos), tem, em seu livro *Sangue Negro*, versos “banhados” de perenidade. Sua voz feminina e combatente atravessou o continente africano, fazendo com que ecoasse no decorrer do tempo, para além dos “muros” da África. Sua personalidade singular serviu e ainda serve de inspiração para muitos poetas, escritores e intelectuais que a sucederam.

Nessa mesma perspectiva, Carmen Lucia Tindó Secco<sup>5</sup>, em um capítulo intitulado “Noémia de Sousa, grande nome da poesia moçambicana”, presente na obra *Sangue Negro* (2016), nos diz que a escritora combatente não é apenas uma grande dama da poesia de Moçambique, mas sim:

Uma grande dama da poesia africana em língua portuguesa, tendo em vista sua voz ardente ter ecoado por diversos espaços e compartilhando seu grito com outras vozes, em prol dos que lutaram e clamaram pela liberdade dos oprimidos, entre os anos 1940-1975, no contexto do colonialismo português. (SECCO, 2016, p. 11).

Entende-se, pois, sobre sua grande referência em luta de libertação nacional, visto que nos poemas de Noémia de Sousa é possível encontrar um pouco de todos os povos que sofrem com a colonização de suas terras. Borba e Lisboa (2016), nos falam que nos versos da escritora citada acima é possível identificar a coragem e a força política que, por meio da arte, foi base

---

<sup>5</sup> Professora Titular de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, ensaísta e pesquisadora do CNPq – Conselho nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico, e da FAPER – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. Notas retiradas do livro “Sangue Negro” (2016), Editora Vozes da África.

de reivindicação sobre a exploração colonial. Vale ressaltar ainda, que a autenticidade nacional de sua poesia colidiu com formas de aculturação, como àqueles citados anteriormente.

Freitas (2010), diz que a poetisa se consagra como uma precursora na escrita literária em Moçambique, pois é respeitada por muitos intelectuais de sua época, assim como os que vieram depois. Sobre isso, o autor citado acima, nos esclarece:

Escritores como Mia Couto, Lilia Momplé, Paulina Chiziane, Ungulani Ba Ka Khosa, entre outros fazem os textos de Noémia de Sousa circular em vários eventos na área de Humanidades, até porque ela é chamada de mãe por muitos desses escritores e também intelectuais e ativistas políticos de Moçambique. Além disso, a escritora é extremamente estudada na UEM (Universidade Eduardo de Mondlane). (FREITAS, 2010, p. 10).

Nesse sentido, compreende-se que a obra escrita no período de 1948-1951, ainda permanece servindo de inspirações para as futuras gerações, principalmente àquelas pertencentes a sua terra, sua Mãe África, pois seu “grito de liberdade” na poesia moçambicana, manifesta uma voz de quem lutou pelo seu povo, assim como também entendeu os sentimentos de angústia no período de colonização. Temos na poetisa, portanto, uma voz conscientizada, que trouxe consigo um compromisso histórico, uma consciência política.

Vale ressaltar ainda, que o olhar singular diante a realidade apresentada é um diferencial em sua poesia. Saúte (2016), também nos fala que a escritora moçambicana já estava na condição de um mito, um mito da literatura em seu país, e que seus poemas tinham sido adaptados para estudos nos livros da escola da FRELIMO na luta armada e, depois, passou a ser lido nas escolas de Moçambique. O autor citado acima ainda nos expõe que o legado da escritora foi também recuperado por poetas de outras pátrias, como, por exemplo, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, e São Tomé e Príncipe.

Portanto, a voz de Noémia de Sousa, que ecoa além dos muros do continente africano, é uma representação de todas as vozes em África, expressão dos gritos dos oprimidos que sofreram, na pele e na alma, com as duras realidades impostas no período de colonização. Nessa mesma perspectiva, o escritor acima, afirma: “Foi dessa voz que se incendiaram outras tantas vozes” (SAÚTE, 2016, p. 182). Isso é um exemplo, portanto, que a poesia de Noémia de Sousa, influenciou não só sua voz em Moçambique, mas outras vozes em África, assim como também além do próprio continente.

## **5 Considerações Finais**

Conclui-se que a poesia de Noémia de Sousa, representa uma personificação de Moçambique, uma vez que há uma autenticidade nacional em seus versos. Além disso, apresenta um olhar singular feminino e espírito combatente de quem soube entender as durezas do colonialismo. Sua personalidade e exemplo de mulher, fez com que surgisse uma voz feminina e que, essa voz, fosse além do continente africano, influenciando quem a escutasse. Freitas (2010) nos fala que, “apesar de breve, porém prolífera, a passagem de Noémia de Sousa pelo panorama da literatura moçambicana, a qualidade dos seus textos não deixou, jamais, de ser reconhecida e admirada” (FREITAS, 2010, p. 06).

Noémia de Sousa, nesse sentido, é consagrada como a “mãe dos poetas moçambicanos”, visto que sua luta resultou em um exemplo de consciência nacional no continente, especificamente em seu país. Sua escrita de libertação, foi um importante instrumento que influenciou na luta pela independência de Moçambique. Seus “versos frenéticos”, como bem nos fala Saúte (2016) ainda hoje são estudados por muitos pesquisadores, visto que, através deles, encontra-se uma matéria lapidada sobre a poesia de resistência moçambicana.

Seu livro *Sangue Negro*, ainda na perspectiva de Saúte (2016), é visto como um testemunho sobre a história de Moçambique. O próprio título, nos sugere que é assim que a escritora se declarou, isto é, que a essência da África, da negritude, corre em suas veias. Também há, talvez, uma outra metáfora sobre o sangue de seu povo que foi derramado no período da escravatura. Mas o fato é que Moçambique nunca mais foi o mesmo depois que Noémia de Sousa fez-se conhecer; fez-se uma expressão viva da própria África “da cabeça aos pés”.

É importante ressaltar, que literatura despertou a consciência do povo letrado para a exploração colonial e para a necessidade de luta pela independência de Moçambique. Essa luta por meio da literatura quando vem em nome de uma mulher ganha proporções mais profundas, uma vez que as desigualdades de gênero se faziam sentir naquele país. A literatura moçambicana e sobretudo feminina é de suma importância e contribuiu de certa forma para a emancipação da mulher. Noémia de Sousa lutava por meio literário, mas havia muitas outras mulheres moçambicanas que lutaram por meio de armas, como foi o caso de Josina Machel, Marina Pachimwapa, Paulina Chiziane entre muitas outras heroínas. A FRELIMO compreendeu rapidamente que a inclusão de mulheres na luta armada e em outras formas de resistência traria sucesso e essa atitude acelerou em grande medida para o sucesso da luta e da consequente independência de Moçambique.

Dessa forma, Noémia de Sousa não fica à margem da realidade do seu tempo e busca na forma de versos e estrofes resistir, lutar e chamar atenção para a causa nacional. Noémia de

Sousa representou as poucas mulheres escritoras que escreviam em Moçambique naquele tempo. Ela representa a força da mulher e o despertar de um povo oprimido pela escravização durante séculos. O grito feminino feito por meio de uma caneta e papel é muito forte além fronteiras e permitiu diálogo com outros escritos em Angola, na Guiné-Bissau, Cabo Verde e em São Tomé e Príncipe.

Resta-nos acolher a brava competência feminina de Noémia de Sousa para compreender o mundo atual para que possamos alcançar outras independências que estão em falta. Os moçambicanos e o mundo ainda não estão livres. Há outras formas de colonização que precisam de ser combatidas para que tenhamos uma sociedade justa e próspera

Portanto, percebe-se, na poesia de Noémia de Sousa, uma espécie de “brado de esperança”, de uma personalidade feminina que colidiu contra as amarras do colonialismo. Uma voz poética africana totalmente nacionalista que não se deixou aculturar-se em relação à cultura europeia. É perceptível, na poetisa moçambicana, a personificação da identidade feminina de suas terras que lutou pela liberdade, fazendo sempre nascer uma nova esperança: “Um dia, /o sol iluminará a vida. /E será como uma nova infância raiando para todos...” (SOUSA, 2016, p. 45).

## Referências

BANDEIRA DE MOÇAMBIQUE. **Portal São Francisco**, 2021. Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/bandeira-de-mocambique>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

BORBA, F. E.; KLEBA LISBOA, T. Sangue Negro e a poesia de combate de Noémia de Sousa. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 165-170, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/31895>>. Acesso em: 11 dez. 2021.

DANTAS, T. Guerra de Independência de Moçambique; **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/guerras/guerra-independencia-mocambique.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FONSECA, M. N. S; MOREIRA, T. T. Panorama das literaturas africanas de Língua portuguesa. **Cadernos CESPUC De Pesquisa Série Ensaio**, vol.16, nº1, p.13-72, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14767>>. Acesso em: 10 dez.2021.

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes. 1979.

FREITAS, S. R. F. de. Noémia de Sousa: poesia combate em Moçambique. **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v.1, n.1, p. 01-13, 2010.

FERREIRA, M. Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa. In: **Cadernos do terceiro muno**. Ano III, n° 22, p. 29-56, 1980.

GOMES, S. C. Poesia moçambicana e negritude: caminhos para uma discussão Simone Caputo. **Via Atlântica**, [S. l.], n° 16, p. 29-46, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50460>>. Acesso em: 11 dez. 2021.

LEITE, A. M. **Voz, origem, corpo, narração**: poesia de Noémia de Sousa. Lisboa: Edições Colibri, nov. 1998.

MIAMBO, E. **Periodização da literatura moçambicana**. Rectasletras, 2012. Disponível em: <<https://rectasletras.blogspot.com/2012/04/periodizacaoda-literatura-mocambicana.html>> acesso em: 08 de nov. de 2021.

NOA, F. Literatura Moçambicana: Os Trilhos E As Margens. In: CALAFATE, Ribeiro. MENESES, Maria Paula (Org.). **Moçambique das palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 35 - 45.

NOÉMIA DE SOUSA (1926-2002). **Biografia de Mulheres Africanas**, 2021. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/africanas/noemia-de-souza-1926-2002/>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos Direitos Humanos**. Declaração foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, em 10 de dezembro de 1948.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Trad: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

SANTIAGO, A. R. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas (BA), Ed. UFRB, 2012.

SAÚTE, N. A mãe dos poetas moçambicanos. In: SOUSA, Noémia. **Sangue Negro**. São Paulo: Kapulana, 2016 [Vozes da África]. p. 175 - 182.

SECCO, C.L.T. Noémia De Sousa, grande nome da poesia moçambicana. In: SOUSA, N. **Sangue Negro**. São Paulo: Kapulana, 2016, p. 11 - 18.

SOUSA, N. de. **Sangue Negro**. Série Vozes da África. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.